

O FASCÍNIO DA RAZÃO

Le structuralisme durera ce que durent les roses, les symbolismes et les Parnasses: une saison littéraire, ce qui ne veut pas dire que celle-ci ne sera pas féconde. La structure, elle, n'est pas près de passer, parce qu'elle s'inscrit dans le réel...

Lacan

Tendo iniciado, ainda em Belo Horizonte, a leitura de textos dos estruturalistas franceses, ingressando no programa de Mestrado em Literatura Brasileira da PUC/RJ, amplio o horizonte de estudo, ao tomar conhecimento de uma bibliografia mais complexa, ligada a diferentes áreas do saber. Compartilho, ainda, da convivência enriquecedora com colegas de outras universidades e com professores que irão nortear, por muito tempo, meu percurso teórico — Silviano Santiago, Costa Lima, Dirce Riedel, Affonso Romano de Sant'Anna, entre outros.

Os discursos das ciências humanas, nos anos 70, ganhavam cada vez mais espaço no interior dos cursos de letras, obrigando a teoria da literatura a renovar seu instrumental teórico e a participar das transformações realizadas nas outras áreas. Os cursos de literatura brasileira, pautados por forte tendência teórica, não se limitavam a apresentar visões panorâmicas e historicistas da literatura; inclinavam-se para certo tipo de abordagem que privilegiava a análise das formas narrativas contemporâneas, as manifestações de vanguarda, ou a leitura de textos fundadores da literatura brasileira, com vistas à constituição de uma nova historiografia literária.

Nessa etapa de minha formação, dedico-me intensamente à leitura de autores representativos da corrente estruturalista e, através dos cursos ministrados por Costa Lima, tomo conhecimento dos pressupostos teóricos e metodológicos de Lévi-Strauss. Em 1973, com a publicação de *Estruturalismo e Teoria da Literatura*,

Luiz Costa Lima contribuiu não só para introduzir no meio universitário um pensamento novo, destacado por seu rigor, como para despertar o interesse pela pesquisa da obra do antropólogo francês.

Esse livro representa um divisor de águas no interior dos estudos da Teoria da Literatura, por ter seu autor assumido uma posição corajosa diante da história das teorias críticas. Privilegiando o corte sincrônico em detrimento do diacrônico, processa a revisão da história da crítica de acordo com o pólo de oposição montado pela armadura analítica, ou seja, a produção versus a recepção. A defesa da análise sistêmica, calcada nos princípios antropológicos e psicanalíticos, se efetuava em oposição às estéticas clássica e contemporânea, que, segundo Costa Lima, privilegiavam em sua análise a produção do efeito estético no receptor.⁶

A análise sistêmica se fundamenta na leitura do texto com vistas ao estabelecimento ordenado de sua produtividade interna, sem se importar com a recepção da obra junto ao público, o efeito provocado no leitor. A natureza aparentemente simétrica da estrutura (sua organização e sintaxe), trazia no seu interior a assimetria denunciadora. Definia-se a estrutura enquanto dotada de caráter assimétrico e diferencial, produtor de tensão, destacando-se, por contraste, as estruturas centradas no equilíbrio e na simetria, própria dos discursos ideológicos.⁷

As razões que me levam a escolher o método lévi-straussiano, pela mediação da análise sistêmica reformulada por Costa Lima, dizem respeito à especificidade desse método e ao lugar ocupado pela antropologia no interior das ciências humanas. Sua importância se mede pelo olhar agudo lançado contra o horizonte etnocêntrico da civilização ocidental e pela abertura trazida pela disciplina quanto à questão da alteridade.

Em comunicação apresentada no "1º Congresso Abralic", em Porto Alegre, acentuo a contribuição da antropologia para as pesquisas interdisciplinares e, em especial, para os estudos da

⁶ Cf. SOUZA. A crítica em palimpsesto: reflexões sobre a obra de Luiz Costa Lima.

⁷ SOUZA. A crítica em palimpsesto: reflexões sobre a obra de Luiz Costa Lima.

literatura comparada. Nesse texto, examino o conceito de *universal* no pensamento lévi-straussiano e seu vínculo com a noção de estrutura, como resultado da revisão que já se processava nos pressupostos estruturalistas.

O método antropológico de Lévi-Strauss, como se sabe, pauta-se pelas descobertas realizadas na lingüística por Saussure e, posteriormente, na fonologia, por Trubestskoy. Com Saussure, Lévi-Strauss associa a antropologia social à semiologia, estabelecendo, assim, a natureza simbólica de seu objeto.⁸

Ao se deter na análise dos mitos indígenas para melhor compreender sua organização social, Lévi-Strauss não se preocupa em determinar, como na abordagem formalista de Propp ou na "concepção barthesiana de narrativa", um modelo universal, mas busca verificar que as leis que regem os mitos são as mesmas que regem o pensamento. A interpretação textual passa a ser efetuada por meio de um raciocínio lógico, baseado na operação da ordem do conceito e instaurada pela cadeia simbólica. A construção de modelos implica a ruptura com a realidade empírica e, assim como o signo opera o corte com a coisa, a estrutura não pode ser diretamente apreendida na realidade concreta.⁹

Esse afastamento da realidade e do vivido — mola mestra da construção do objeto da ciência — se verifica também na psicanálise freudiana e lacaniana, que estabelece a relação entre a ordem simbólica e a aquisição da linguagem. A transformação do objeto pela linguagem permite o afastamento do indivíduo em relação à sua vivência e a autonomia diante da realidade. A relevância dessa descoberta recai principalmente na associação entre a antropologia, a psicanálise e a semiologia, pela natureza simbólica do objeto de investigação. A desnaturalização do objeto indica a sua semiotização, procedimento epistemológico que rompe com a teoria empírica do conhecimento.

⁸ SOUZA. *Literatura e antropologia: o conceito de universal*, p.86.

⁹ Cf. LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*.

O discurso literário se desvincula de um caráter fechado e auto-suficiente, abandonando-se os critérios de *literariedade*, pela ampliação do conceito de *texto*. A antropologia, ao descentrar o eixo dos valores etnocêntricos, propicia ainda a quebra de hierarquia dos discursos e aguça o interesse pela valorização de textos considerados marginais pela cultura oficial. Proliferam, nessa época, pesquisas voltadas para a releitura de manifestações populares brasileiras, como os ritos do carnaval, do candomblé, do cotidiano, bem como a literatura de cordel, a música popular, o que muito contribuiu para a revisão do conceito de literário. A revitalização dos discursos das minorias, como os da mulher, do índio, do negro, data do final da década de 70, quando se começa a lutar por seu espaço no debate acadêmico.

Com o objetivo de descrever os princípios teóricos e metodológicos que norteiam algumas das vertentes do pensamento crítico estruturalista — e sua influência nos trabalhos por mim realizados a partir desta época — destaco os seguintes tópicos:

- 1 - a ruptura processada no interior das ciências humanas, com o descentramento do sujeito cartesiano e a descoberta do inconsciente freudiano; a dissolução da idéia de autor e o apagamento da noção de origem;
- 2 - a revisão do conceito de *estrutura*, oposto ao de *sistema* saussuriano, em que a tensão substitui o equilíbrio e a lógica dialética, a lógica binária; a estrutura (Lévi-Strauss) constitui-se de *esquemas mentais* — o aspecto fixo e imutável — e da *sensibilização contextual* — o aspecto variável;
- 3 - a apropriação dos princípios de carnavalização, intertextualidade, dialogismo, paródia, pastiche, paráfrase, ironia e humor, retirados respectivamente de Bakhtine, Deleuze, Kristeva, na análise da estrutura narrativa e poética dos textos e de seus processos de linguagem; o emprego desses procedimentos para a caracterização do sistema literário brasileiro e sua relação com os modelos estrangeiros;

- 4 - a reflexão sobre a linguagem no seu estatuto simbólico, em ruptura com a realidade, segundo preceitos linguísticos, filosóficos e psicanalíticos;
- 5 - o conceito de *escritura* em Derrida, como traço de presença e ausência do logos, mutilação do fantasma paterno e território de interditos;
- 6 - o conceito de interpretação em Silviano Santiago, retomado da reflexão filosófica de Derrida, e a revisão de textos da literatura brasileira que problematizam a questão da dependência cultural;
- 7 - a análise sistêmica, realizada por Costa Lima, com base na antropologia lévi-straussiana e na psicanálise lacaniana.¹⁰

Torna-se difícil delimitar o lugar que a convivência com teóricos do estruturalismo ocupa no meu percurso acadêmico, tal a importância da prática dessa aprendizagem, visível tanto no trabalho desenvolvido em sala de aula, na orientação e pesquisa, como na produção científica. Os efeitos não se restringem à redação de um texto acadêmico para obtenção do título de Mestre, mas se fizeram sentir nas atividades didáticas, através de cursos assumidos por mim na época do retorno à UFMG, em 1974. Cumpri, na verdade, o papel de divulgadora de um pensamento teórico que era novidade tanto para os alunos quanto para os colegas, além de reelaborar cursos e projetos de ensino na Instituição.

Os cursos ministrados por mim na graduação e na pós-graduação se concentravam, principalmente, na discussão de princípios teóricos estruturalistas e no estudo da metodologia antropológica lévi-straussiana. Desenvolvi estudos de textos de literatura brasileira e estrangeira, com a ajuda de conceitos oriundos da semiologia francesa, como a questão da *intertextualidade*, de Kristeva, e os procedimentos narrativos e discursivos referentes à carnavalização, ao diálogo socrático e à sátira menipéia, do teórico russo Bakhtine.

¹⁰ Remeto o leitor para o trabalho de Roberto Corrêa dos Santos, publicado nos *Ensaio de Semiótica*, n.26, e intitulado "A Crítica Literária no Brasil (Últimos quinze anos)", que muito contribuiu para esclarecer a leitura de nosso tempo de PUC.

Importante ressaltar que, nessa ocasião, a escolha de textos para estudo correspondia ao recorte operado pelo método ou pela teoria, uma vez que eram relacionados autores que representavam, cada um em sua época, uma posição de ruptura em relação aos modelos estabelecidos. Os escritores mais analisados eram aqueles pertencentes aos movimentos de vanguarda, ao Modernismo Brasileiro, com especial ênfase em Oswald e Mário de Andrade, ao lado dos contemporâneos. Como objeto literário de pesquisa, trabalhei exaustivamente com autores nacionais e estrangeiros que se enquadravam na proposta desconstrutora e parodística de uma das vertentes da crítica literária estruturalista: Cortázar, Guimarães Rosa, Puig, Cervantes, Autran Dourado, Sérgio Sant'Anna, Silviano Santiago e Roberto Drummond.

A natureza dessa postura teórica não só contribuía para a escolha de determinado autor, como retirava de sua obra elementos para a construção de uma "poética estruturalista". É curioso notar como o conceito lévi-straussiano de estrutura como tensão e a natureza assimétrica de sua organização interna propiciam a Costa Lima ler a poética cabralina sob esse prisma. No meu estudo sobre o pensamento teórico do crítico brasileiro, chamo a atenção para esse tópico:

"A faca só lâmina", metáfora da diferença, conjuga o método e a poética da modernidade, mais precisamente, a cabralina, que assume a função de paradigma do discurso poético. Nesse sentido, estruturalismo e poética cabralina ajustam-se perfeitamente, considerando-se que a análise do poema de João Cabral de M. Neto tem, entre outros objetivos, o espelhamento da teoria retirada do texto, que se inscreve como avesso à verdade socialmente instaurada, à ilusão simétrica da representação ideológica. (Cf. "A lâmina assimétrica ou a ilusão da simetria".)¹¹

¹¹ SOUZA. A crítica em palimpsesto: reflexões sobre a obra de Luiz Costa Lima, p.61.

A preferência por textos transgressores da ordem social vigente e rotulados como de *ruptura* motivava igualmente o julgamento das obras de arte literária. Estas, ao serem discutidas segundo critérios ligados à *diferença*, deveriam cumprir as exigências do julgamento crítico. Ao lado de critérios intrínsecos, baseados na estruturação e organização do enunciado, exigia-se um grau de reflexão que a obra era obrigada a oferecer. Nesse sentido, os textos que endossavam a "verdade comunitária" eram considerados *ideológicos*; outros, ao assumirem uma posição crítica, *contra-ideológicos*.¹² Conclui-se, portanto, que determinada vertente da crítica estruturalista ainda se apegava a modelos maniqueístas para a compreensão da literatura e que o direcionamento da leitura impedia o conhecimento de textos que fugiam desses padrões.

O olhar da crítica, direcionado tanto para a tradição cultural quanto para os momentos de ruptura (estes representados pelos movimentos de vanguarda), se aguça no Brasil nos meados dos anos 70, quando a poética das vanguardas começa a perder terreno para outro tipo de tendência artístico-cultural.

Examinando a linha teórica e metodológica das dissertações defendidas nessa época na UFMG, constata-se a presença marcante de estudos centrados na relação entre os discursos mítico, onírico e literário, além da exploração de temas caros à antropologia, tais como o mito, o rito, a loucura *etc.* Predomina, na abordagem analítica realizada na FALE/UFMG, o interesse pela prática da *textualidade*, em que são privilegiadas a construção de modelos retirados da obra e a relação interdiscursiva. Verifica-se, em geral, o desinteresse pela interpretação da obra enquanto inserida no sistema literário de sua época, ou por uma perspectiva mais contextualizada do fato literário.

¹² Cf. SANTANNA. *Análise estrutural de romances brasileiros*.